

AS CONTRIBUIÇÕES DE MARIA BEATRIZ NASCIMENTO, LÉLIA GONZALEZ, CONCEIÇÃO EVARISTO E CAROLINA DE JESUS PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE INTELLECTUAIS NEGRAS

Gabriella da Silva Mendes¹

RESUMO

No campo acadêmico, pode-se ressaltar que mulheres negras, a exemplo de Lélia Gonzalez, advieram então a ocupar ambientes de fala. Os escritos delas conjecturam sobre como o racismo atua em distintos segmentos, podendo assim ser visto como uma questão estrutural, concernente à sociedade brasileira de um modo geral. Observa-se que, embora ser demorada e atual o recebimento de estudos das mulheres negras nas universidades do país, eles vêm conseguindo maior reverberação acadêmica, advindo então a serem importantes para que haja maior compreensão dos ambientes de existência delas e da população brasileira. Neste contexto, do mesmo modo que Lélia Gonzalez, demais mulheres negras se articularam e se articulam no que se alude à condição social no Brasil. Nomes como Maria Beatriz Nascimento, Conceição Evaristo e Carolina de Jesus merecem proeminência. Portanto, o presente estudo teve por objetivo realizar uma discussão trazendo determinadas questões acerca da produção de conhecimento com fundamento nas contribuições de Maria Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo e Carolina de Jesus para as ciências humanas, frente a urgência de uma geração de pesquisadores negros(as) nas universidades brasileiras. Para tanto, o que justifica e releva o presente estudo, incide precisamente no fato de se poder investigar e discutir acerca da probabilidade da construção de produção do conhecimento contrahegemônico na batalha contra o racismo institucional, bem como das desigualdades sociorraciais na área de educação em ciências humanas. Concluiu-se que a temática étnico-racial vem localizando maior recinto na produção científica nacional, especialmente nas ciências humanas. A urgência de uma intelectualidade negra com a formação de pesquisadores(as) negros(as) com maior engajamento, vem colaborando para um novo espectro das relações raciais no país através da produção científica.

PALAVRAS-CHAVE: ciências humanas, educação, racismo.

¹ Doutoranda em Educação em Ciências e Saúde pelo Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde, pelo Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências e Saúde (PPGECS) no Centro de Ciências e Saúde (CCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - (2020-2024). Possui Mestrado em Educação em Ciências e Saúde pelo Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde, pelo Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências e Saúde (PPGECS) no Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - (2018-2020). Possui Graduação pelo Instituto de História (IH-Bacharelado e Licenciatura - 2013-2017) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Possui experiência com ênfase nas áreas: Educação; Produção de Conteúdo Educacional e Pedagógico; História; Documentação; Digitalização; Acervos; Ciências; Saúde; Divulgação Científica; Popularização da Ciência; História das Ciências; Educação Patrimonial e Museal; História Contemporânea; História Oral; Gestão de Projetos; Gênero; Diversidade e Inclusão.

THE CONTRIBUTIONS OF MARIA BEATRIZ NASCIMENTO, LÉLIA GONZALEZ, CONCEIÇÃO EVARISTO AND CAROLINA DE JESUS TO THE HUMAN SCIENCES: A LITERATURE REVIEW ON BLACK INTELLECTUALS

ABSTRACT

In the academic field, it can be highlighted that black women, like Lélia Gonzalez, then came to occupy speech environments. Their writings conjecture about how racism works in different segments, and can thus be seen as a structural issue, concerning Brazilian society in general. It is observed that, although it is time-consuming and current to receive studies by black women in the country's universities, they have been achieving greater academic reverberation, thus becoming important for a greater understanding of the environments in which they exist and the Brazilian population. In this context, in the same way as Lélia Gonzalez, other black women articulated and are articulated in what alludes to the social condition in Brazil. Names like Maria Beatriz Nascimento, Conceição Evaristo and Carolina de Jesus deserve prominence. Therefore, the present study aimed to carry out a discussion bringing certain questions about the production of knowledge based on the contributions of Maria Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo and Carolina de Jesus to the human sciences, facing the urgency of a generation of researchers blacks in Brazilian universities. Therefore, what justifies and highlights the present study, focuses precisely on the fact that it is possible to investigate and discuss about the probability of the construction of the production of counter-hegemonic knowledge in the battle against institutional racism, as well as socio-racial inequalities in the area of science education. human. It was concluded that the ethnic-racial theme has been finding greater space in national scientific production, especially in the human sciences. The urgency of a black intelligentsia with the formation of black researchers with greater engagement, has been collaborating for a new spectrum of racial relations in the country through scientific production.

KEY WORDS: human sciences, education, racism.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, vale aqui dizer que, ser uma mulher negra – com um sonho de se tornar uma cientista – não se trata de uma tarefa simples. Dentro de um contexto histórico, o Brasil foi edificado e estruturado escorado em um regime escravocrata, com intensas relações com o sistema capitalista, que logo, construiu uma argileira racial atribuída a toda comunidade negra. A compleição de um grupo de pesquisadores(as) e negro(as) no campo acadêmico nacional trata-se de um fato relativamente atual, e vem sendo tema de algumas reflexões ainda elementares acerca de tal temática.

Assim, diante deste panorama de desigualdade, as mulheres negras tiveram suas experiências assinaladas pela supressão dos ambientes de poder, políticos e acadêmicos.

Sua falta pode ser espontaneamente evidenciada com uma breve pesquisa na *Internet* sobre empregos e cargos com mulheres em ciências humanas para então analisar quantos resultados pode-se ter de mulheres negras nesses ambientes.

Portanto, analisa-se que a trajetória das mulheres negras se encontra frequentemente assinalada por empecilhos que o racismo estabelece. A primeira delas, se encontra conexas com desigualdades de oportunidades referente a qualquer grupo característico em razão de sua cor.

Todavia, embora a ampla e visível desigualdade de oportunidades, bem como os números ainda baixos sobre o progresso da compleição de mulheres negras no campo das ciências humanas, trabalha-se ainda com um outro fato: o desprezo pelas pesquisadoras, suas histórias e suas conquistas. Assim, além de assinalar questões estruturais que agem na limitação das mulheres negras neste campo, torna-se imperativo ressaltar mulheres que, embora a existência do racismo institucional, alcançaram o estabelecimento de suas carreiras acadêmicas.

Frente a isto, uma dessas mulheres é Lélia Gonzalez, que tem uma grande importância para o ensino afro-brasileiro. Ela atuou, até sua morte em 1994, em benefício de demandas das mulheres negras conexas ao ambiente de trabalho e sobre a condição e inclusão delas dentro da sociedade.

No campo acadêmico, pode-se ressaltar que mulheres negras, a exemplo de Lélia Gonzalez, advieram então a ocupar ambientes de fala. Os escritos delas conjecturam sobre como o racismo atua em distintos segmentos, podendo assim ser visto como uma questão estrutural, concernente à sociedade brasileira de um modo geral.

Observa-se que, embora ser demorada e atual o recebimento de estudos das mulheres negras nas universidades do país, eles vêm conseguindo maior reverberação acadêmica, advindo então a serem importantes para que haja maior compreensão dos ambientes de existência delas e da população brasileira.

Neste contexto, do mesmo modo que Lélia Gonzalez, demais mulheres negras se articularam e se articulam no que se alude à condição social no Brasil. Nomes como Maria Beatriz Nascimento, Conceição Evaristo e Carolina de Jesus merecem proeminência.

Portanto, o presente estudo teve por objetivo realizar uma discussão trazendo determinadas questões acerca da produção de conhecimento com fundamento nas contribuições de Maria Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo e Carolina de Jesus para as ciências humanas, frente a urgência de uma geração de pesquisadores negros(as) nas universidades brasileiras.

Para tanto, o que justifica e releva o presente estudo, incide precisamente no fato de se poder investigar e discutir acerca da probabilidade da construção de produção do conhecimento contrahegemônico na batalha contra o racismo institucional, bem como das desigualdades sociorraciais na área de educação em ciências humanas.

REVISÃO DA LITERATURA

DECOLONIALIDADE: ONDE SE ENCONTRAM OS INTELECTUAIS NEGROS BRASILEIROS?

Frente a uma asseveração do universalismo real, ou da pluriversalidade, um dos princípios fundamentais é a asseveração da geopolítica e da corpo-política do conhecimento, ou seja, a afirmativa do espaço de fala, assim como das experiências vividas dos indivíduos do conhecimento (AKOTIRENE, 2018).

Neste contexto, a afirmação do corpo e da geopolítica do conhecimento retribui a asseveração da individualidade, da humanidade daqueles que discorrem inicialmente do lado mais tenebroso da contemporaneidade. Esta trata-se de uma estratégia essencial contra a colonialidade do conhecimento, bem como a colonialidade do ser (DAVIS, 2016).

Com isto, caso no campo da matriz do poder moderno/colonial, a desqualificação epistemológica se componha em um mecanismo de negativa ontológica, o oposto igualmente se mostra certo, portanto, a afirmativa ontológica, através da geopolítica e corpo-política do conhecimento, advém a ser um elemento central para a afirmativa epistemológica.

Assim, frente a esta imperativa necessidade de se construir um universalismo concreto – ou uma pluriversalidade –, considera-se de suma importância trazer aqui as contribuições de intelectuais negros brasileiros para o centro das teorizações decoloniais. Apesar de a escravização da população negra ser tão acentuada quanto a

sujeição da população indígena na compleição da colonialidade do poder, do ser e do conhecimento, suas teorizações se centralizam mais nas experiências dos povos indígenas (SHALHOUB; PINTO, 2016).

Na atualidade, observa-se um maior número de publicações, além de maior visibilidade de mulheres brasileiras negras, tanto na vida política como na vida acadêmica. Este progresso, deve-se muito em razão da pressão dos movimentos sociais, bem como as ações de afirmação.

Aqui, avulta-se trabalhos das mulheres negras na década de 1980, como de Lélia Gonzalez, que com sua militância em defesa dos direitos da mulher negra, ajudou as mulheres da atualidade. Com isto, muita coisa foi alterada, entretanto, muita coisa ainda precisa mudar, pois a batalha permanece e é cansativa, porém, imprescindível.

Evaristo (2016, p. 105) resume o trabalho de algumas das mais importantes militantes do movimento feminista negro do país. “Mulheres que noticiam em suas obras o que suas predecessoras e elas mesmas viveram na pele: o racismo e a opressão machista”. A herança delas jamais esteve tão manifesta, entretanto, mesmo assim, ainda é muito pouco; cada dia mais, elas necessitam se tornar referência para demais mulheres que procuram viver dentro de uma sociedade igualitária.

Tem-se que a mulher negra é ainda atualmente penalizada com os resíduos do transcorrer da história de escravidão no Brasil. Segundo as estatísticas, são as mulheres que ganham menos, possuem menos oportunidades, e são as que morrem mais cedo. Conforme um estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do ano de 2018, mulheres pretas e pardas ganham em média menos da metade do salário de um homem branco, e elas ainda se conservam na base da pirâmide que confirma os níveis de desigualdade de renda no Brasil (BRASIL, 2018).

Sendo assim, entende-se que falar sobre quem se insurgiu contra e expôs o sistema opressor, ainda é necessário. Para tanto, traz-se aqui novamente os dizeres de Evaristo (2016, p. 106), que ressalta que falar acerca dos eixos estruturantes das sociedades, como são o machismo e o racismo no Brasil, “não se trata de uma tarefa simples. Nenhum tipo de conquista foi dado, sempre foi uma batalha”.

Assim, dentro de uma sociedade que ainda conserva elevados índices de desigualdade entre homens e mulheres, e entre pretos e brancos, apareceram mulheres que, mesmo

frente a desventura, aproveitaram o cotidiano tormentoso para despontar uma nova maneira de enfrentar a realidade. Portanto, inicialmente de ações políticas e/ou culturais, elas falaram de forma aberta sobre o sofrimento que viram e assinalaram direções para a transformação.

Torna-se importante agora articular demais circunstâncias de exclusão ligadas ao racismo. Precisa-se induzir o tratamento de gênero para o movimento negro, o que antes não era tratado, e levar também este tratamento para dentro do movimento feminista, o que igualmente não era tratado. Pois infelizmente, o racismo continua, ele somente se adequou às novas configurações sociais.

De acordo com Pereira (2016, p. 74), “o que alterou, é que cada vez mais as mulheres negras estão se conscientizando de que se pode ir além deste lugar de exclusão”. Contra toda a adversidade, “mulheres negras vêm galgando demais postos dentro de uma estrutura de poder, gerando assim relativas mudanças”.

Tais mudanças se mostram ainda bem acanhadas, sendo também limitadas e, em determinados casos, são até singulares. Entretanto, tratam-se de probabilidades outras que não se obteve ainda. Nesse contexto, surgem as ações afirmativas, que alcançaram um acesso de indivíduos negros na universidade e igualmente ao mercado de trabalho, o que de fato ocasionou alterações expressivas, porém, a estrutura permanece racista.

Conforme Davis (2016, p. 59), “do mesmo modo em que se progrediu, também se nota barreiras impostas pelo racismo”. Portanto, torna-se necessário ter ciência das mazelas da sociedade do país para que se consiga descobrir soluções efetivas para dias melhores. Além do mais, é necessário reconhecer o racismo estrutural dentro da sociedade, para então progredir.

Carolina de Jesus foi uma das primeiras escritoras negras brasileiras, sendo tida como uma das mais importantes escritoras brasileiras. Ela passou grande parte de sua vida na comunidade do Canindé, na zona Norte de São Paulo, sustentando a si própria e seus três filhos como catadora de papéis. No ano de 1958, teve seu diário publicado sob o nome “Quarto de Despejo”. O livro fez tanto sucesso que chegou a ser traduzido para catorze línguas (PORTAL GELEDÉS, 2009).

Já Maria Beatriz Nascimento foi uma historiadora, docente, roteirista, poeta e ativista pelos direitos humanos de negros e mulheres. Professora influente nos estudos raciais,

sua obra ainda é contemporânea e importante para os estudos raciais, mesmo posteriormente seu assassinato no ano de 1995 (PORTAL GELEDÉS, 2009).

E finalmente, Conceição Evaristo é escritora. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atuou como docente da rede pública de ensino do Rio de Janeiro. É também Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro. Dentre seus livros, estão Ponciá Vicêncio (2003) e Becos da memória (2006) (PORTAL GELEDÉS, 2009).

De tal modo, avultar as contribuições destas intelectuais negras aqui mencionadas na esfera da educação das relações étnico-raciais, mostra que existiram – e ainda existem – ações insurrecionadas dentro e fora do ambiente educacional. Tais ações são comprometidas com a formação e com o reconhecimento da comunidade afro-brasileira, que estas mulheres tanto cooperaram e ainda cooperam de forma especial, visando assim uma maior equidade sociorracial no Brasil.

Ao analisar a trajetória e contribuições destas mulheres, pode-se entender de que forma seus objetos de investigação e suas opções teórico-metodológicas promovem debates em volta das desigualdades e o racismo estrutural que ainda existentes no Brasil, como igualmente estimulam discussões acerca da necessidade de programas e projetos que permitam a inclusão social.

O PROTAGONISMO DA MULHER NEGRA NA EDUCAÇÃO

Nas últimas duas décadas, tem-se notado um crescimento expressivo de pesquisas que buscam mapear e debater segmentos da produção acadêmica e científica do Brasil. Frente a isto, concretizam-se inventários de teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos publicados em periódicos e anais de congressos, com vistas a assinalar sob quais perspectivas algumas temáticas são discutidas e quais abordagens são considerados nos mais variados campos da educação.

De acordo com Pereira (2016, p. 75), a utilização desta metodologia de pesquisa “demanda a delimitação de um recorte temporal, bem como a definição de quais fontes precisam ser consultadas, visando assim oferecer maior confiabilidade ao trabalho”. Segundo Akotirene (2018, p. 163), a importância destas pesquisas se encontra no fato de promover:

Situações para que uma maior quantidade de pesquisadores interessados em assuntos afins constitua um contato inicial, readquiram um verificado trabalho, permitindo assim a circulação e intercâmbio entre a produção arquitetada e aquela a construir. Os catálogos admitem o rastreamento do já construído, guiam o leitor na pesquisa bibliográfica de produção de um verificado campo.

Assim, acredita-se que seja essencial mapear pesquisas acadêmicas realizadas por mulheres negras. Gonzalez (1984, p. 63), por exemplo, afirma que se vive “dentro de uma conjuntura a qual as mulheres negras ainda são ligadas aos trabalhos manuais, aos serviços de cuidado e igualmente às práticas sexuais extraconjugais”. No imaginário social deste país, “tem-se o pensamento de que se vive em um Mundo excepcional e tão-somente para servir e limpar a sujeira dos outros de forma abjurada e resiliente”.

Portanto, acredita-se que, ao demonstrar a produção intelectual de autoras negras, colabora-se, mesmo que de modo tímido, para a desconstrução de estereótipos que desumanizam e desqualificam. Entende-se que participar do procedimento de divulgação destas pesquisas acaba sendo não somente uma cooperação teórica, entretanto, igualmente, uma ação política que propende à equidade e à Justiça Social.

Evaristo (2016, p. 80) exhibe um terceiro elemento concernente à atribuição da reunião e divulgação de trabalhos acadêmicos desenvolvidos por intelectuais negras: “as produções científicas igualmente são essenciais na trajetória de visibilidade da atuação das mulheres negras no país”. Assim, representam a inclusão do assunto como proeminente para a produção acadêmica, e um objeto de estudo que unifica os desafios da educação brasileira.

Observa-se que as falas das autoras supracitadas assinalam para a necessidade da inclusão dos pontos de vistas das mulheres negras no campo acadêmico, que, aparentemente, aparecem como uma probabilidade de democratização do conhecimento e constituição de novas epistemologias.

Deste modo, elaboradas inicialmente da experiência de incumbir a um estrato social largamente subjugado, as pesquisas realizadas por docentes universitárias negras, como Conceição Evaristo, veem-se perante dois desafios: estabelecer-se dentro de um ambiente assinalado pela preeminência eurocêntrica, cujos teóricos, valores e princípios

ainda se mostram majormente brancos, como igualmente protagonizar estudos empenhados com a inclusão social e racial das pessoas negras.

De acordo com Shalhoub e Pinto (2016, p. 90), “o trabalho das acadêmicas negras no ambiente acadêmico pode ser visto e compreendido como um tipo de projeto que propende o acordo com a emancipação do grupo de origem”, porém, que também “dá uma chance de localização de dessemelhantes tipos produzidos na violência colonial/patriarcal”.

Assim sendo, pode ser igualmente uma estratégia a ser seguida pelo segmento que desfruta, em certo sentido, de ambientes aos quais suas narrativas vêm adentrando, mesmo que por fendas, transformadas em atalhos possíveis. Dito isto, observa-se nos trabalhos de acadêmicas negras uma forma de perceber o quão essencial têm sido os referenciais teóricos por elas produzidos para a ampliação da comunidade negra.

A universidade trata-se de um ambiente no qual se valida o conhecimento gerado dentro de uma certa sociedade. Assim, é este ambiente quem corrobora a cientificidade dos estudos e pesquisas elaboradas entre os seus muros e para além deles. Igualmente, sendo um espaço de batalha política pela dominação científica, observa-se que as acadêmicas negras ainda estão em desvantagem em razão de ainda serem minoria, como igualmente por conta de suas produções estarem situadas fora do padrão acadêmico, que segundo Pereira (2016, p. 76), possui como finalidade:

Garantir o perpetuamento da ordem científica constituída com a qual condescendem. Esta ordem não se diminui à um tipo de ‘ciência oficial’. Esta ordem conglomerada igualmente o grupo das instituições designadas de garantir a produção e a movimentação dos produtores (ou reprodutores) e consumidores destes bens. Além das instâncias nomeadamente encarregadas da consagração (academias, prêmios etc.).

Sendo assim, ao entrarem neste ambiente como docentes, estas mulheres advêm a compor um ambiente acelerado no mantimento das hierarquias que assinalam a sociedade do país. Neste contexto, afrontam o “monopólio científico”, ainda dominado – em boa parte – por intelectuais brancos do sexo masculino, o que faz dessas mulheres vozes insurgentes contra o elitismo acadêmico, bem como contra todas as maneiras de opressão que incidem sobre os grupos de origem negra.

No momento em que se pontua o espaço acadêmico como um ambiente ao qual se possui o poder de legitimar os saberes, não se projeta afastar ou atenuar o valor das diferentes maneiras de conhecimento organizadas em demais ambientes e segmentos. Procura-se aqui demonstrar a significação da compleição de corpos negros femininos nas ciências humanas.

Diversos assuntos acadêmicos surgem fora dos muros acadêmicos ou ganham cercanias caracterizadas quando elaborados por indivíduos inteiramente envolvidos com o assunto referente a gênero debatido por mulheres, raça pensada por negras(os) etc. Assim, é nesta conjuntura que acontece o (re)aparecimento do quilombo. Para os movimentos negros de diversos períodos do século XX, o quilombo tratava-se de um dos grandes assuntos: envolvia a ação política, a pesquisa acadêmica e as atividades artísticas (NASCIMENTO, 1977).

Nascimento (1977, p. 58) incorpora a reflexão sobre a territorialidade com corporeidade. Para a autora, “o corpo negro se compõe e se redefine na experiência da diáspora e na transmigração”. Nisto, observa-se que a autora busca ponderar sobre sua própria imagem, “da perda da imagem que abrangia africanas(os) escravizados(as) e descendentes em diáspora”.

Portanto, entende-se que o corpo negro pode ser aquele que busca e constrói ambientes de referência transitórios (o baile de música *black*, a escola de samba) ou duradouros (o quilombo). Neste Contexto, Maria Beatriz Nascimento escreveu sobre a circunstância das mulheres negras no Brasil, de sua condição social inferior em razão do conjunto terrível de legados escravistas com estruturas racistas (NASCIMENTO, 1977).

Sabe-se que a identidade se trata de algo construído e também afirmado ou negado na convivência dentro de uma sociedade, por meio de experiências variadas como leituras, vivências, músicas ouvidas e demais maneiras de influência mútua dentro e fora do espaço acadêmico. Assim, ao pensar acerca dos aspectos educacionais inclusos na obra de Carolina de Jesus, avulta-se a crítica social; as reflexões acerca da fome no país; as reflexões sobre a organização espacial e social da cidade; o anseio pelos livros e pela leitura (JESUS, 2005).

Segundo Jesus (2005, p, 99), entende-se a construção de uma identidade como um procedimento educacional, uma construção social, histórica, cultural e plural que ocorre

gradualmente. E, em se tratando da identidade de mulheres negras, tal procedimento se dá de forma bem mais extensa.

Jesus (2005, p, 100) complementa falando que este procedimento acima “implica numa construção de uma visão de um grupo étnico/racial ou de indivíduos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si próprios, inicialmente da relação com o outro”. Sendo assim, nota-se o valor da existência de representatividade da mulher negra nos mais variados espaços sociais, para então propender uma construção e afirmação desta identidade. Portanto, analisando aqui as autoras citadas, essas enquanto mulheres negras, periféricas, escritoras e conscientes do espaço social inseridas, apresentam por meio de seus trabalhos que a mulher necessita possui autonomia e força para se conservar na luta.

Portanto, compreende-se que a quase não existência de negros(as) nas ciências sociais, notadamente na condição de pesquisadores, corrobora com a dialética cruel da exclusão social do sistema educativo do Brasil, esta apontada pelos movimentos e autores(as) negros. Por fim, observa-se uma perspectiva de renovação teórica e elaboração de propostas de inclusão étnico-racial beneficiada pela crise de representação a qual se vive.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado por meio de uma revisão de literatura. Trata-se de uma metodologia que proporciona a síntese do conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática. Este método de revisão trata-se de uma abordagem que permite a combinação de diversas metodologias (por exemplo, pesquisa experimental e não experimental).

De tal modo, esta revisão buscou avaliar de maneira crítica e resumir as proeminências disponíveis do assunto investigado, somando assim a capacidade de generalização dos dados sobre o fenômeno. A busca eletrônica contou com os seguintes descritores: Ciências Humanas; Educação; Racismo.

A busca eletrônica foi realizada nas seguintes bases de dados: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Os critérios utilizados

para a seleção foram os estudos publicados em idioma português e com o resumo disponível contendo os descritores indicados.

Para se alcançar o objetivo proposto no presente estudo, obteve-se na filtragem 100 artigos entre as bases de dados SCIELO e BVS que apresentam no resumo os descritores indicados, para então compor a revisão. Em seguida, foram selecionados vinte artigos do total selecionados inicialmente, sendo doze da base de dados SCIELO, cinco da base de dados BVS. Depois, teve-se o cruzamento dos descritores, como mostra o Quadro 1.

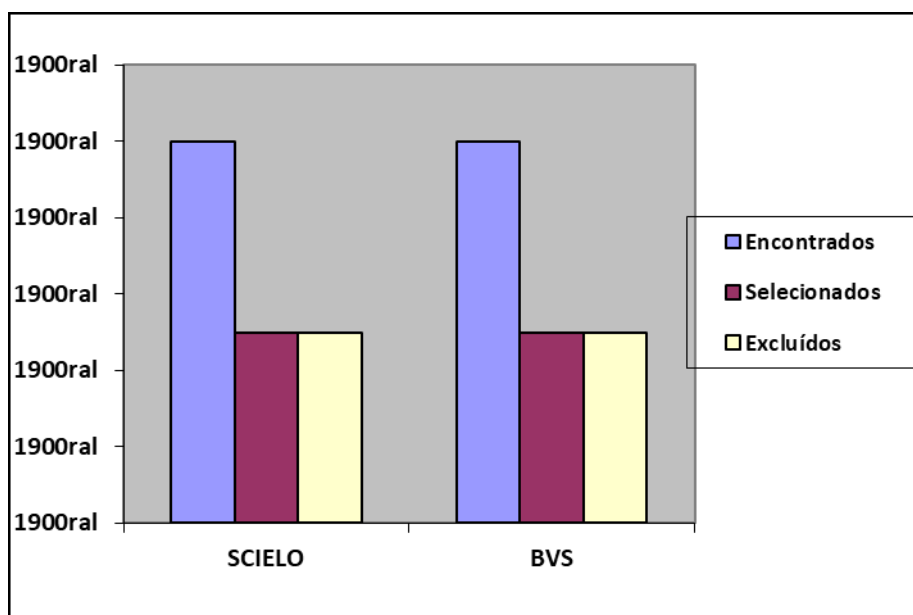
Quadro 1 - Cruzamento dos descritores

DESCRITORES
Ciências Humanas; Educação; Racismo
Ciências Humanas; Racismo
Educação; Racismo

RESULTADOS

Inicialmente, foram encontrados um total de vinte artigos, sendo excluídos dez artigos. Ao fim, a busca eletrônica encontrou como resultado final dez artigos selecionados, divididos em duas bases de dados diferentes, separados em artigos encontrados, selecionados e excluídos, como mostra o Gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1 - Resultados da busca eletrônica



De tal modo, a análise dos dados foi realizada baseada nos dez artigos selecionados ao fim, em que foi possível observar, contar, somar, descrever e qualificar os dados, para então aglomerar o conhecimento produzido através da temática nessa revisão.

DISCUSSÃO

Ao se analisar e discutir as significações presentes na literatura acerca da intelectualidade da mulher negra, de início, bastaria apenas agrupar a compreensão de “ser negra” com a de “ser intelectual”, compreensões essas que se encontram presentes para exibir o entendimento de intelectualidade negra.

Entretanto, essa não se trata de uma ação tão fácil. De fato, trata-se de uma atividade bem complexa e desafiadora, pois, para procurar significações, torna-se necessário que se valha de diversos campos de estudo, como a educação, por exemplo. De tal modo, ressalta-se que consultar a literatura não constitui apropriar-se de toda a literatura já produzida.

Apropriar-se de conhecimentos, até mesmo daqueles que os marginalizaram e marginalizam, trata-se igualmente de um trabalho do(a) negro(a) intelectual. Apropriar-se, aqui, é no sentido de tomar conhecimento, entender, interpretar, reelaborar, questionar, obtemperar e produzir novos conhecimentos.

Do mesmo modo, apropriar-se para pô-los a serviço dos marginalizados pelas sociedades, entretanto, com a finalidade de valorizar, fortalecer, humanizar, criar condições e expectativas de vida, visando assim irromper com os conhecimentos gerados para massacrar, desumanizar, depauperar, embranquecer, dentre outras inúmeras atrocidades.

Frente a batalha contra a escravidão, bem como a colonização, até nos dias atuais, isto se mostra constante, mas, tomando novos formatos, onde a intelectual negra agora tem sua responsabilidade, precisando organizar seu esforço com o de libertação de todos os negros oprimidos, arguindo a benefício de sua dignidade, e verdade e reconhecimento.

As batalhas contra a escravidão, colonização e marginalização do povo negro fizeram com que diversas mulheres negras não regulassem esforços para aportar-se nos quilombos. Quilombo, aqui, segundo a ideia de Nascimento (1977, p. 94), pode ser visto como um “aparelho ideológico contra as maneiras de opressão”. Portanto, sua mística, ou seja, sua essência, manteve “o sonho de liberdade” dos escravizados”.

Deste modo, o quilombo, conforme a autora supracitada, advém de uma instituição em si, para um emblema de resistência, essencialmente visto como uma manifestação reativa ao colonialismo. Entende-se que o quilombo adveio a ser unívoco de povo negro, unívoco de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade.

Deste modo, hoje, tem-se percebíveis as dessemelhantes definições sobre a expressão “negros(as) intelectuais”. Tratam-se de indivíduos que advieram por instituições escolares e acadêmicas, porém, são igualmente indivíduos sem escolarização; são indivíduos apropriados de representar aspirações comuns as mulheres negras, organizar e juntar grupos. Tratam-se de mulheres convencidas da existência de uma ética antirracista, complementares do movimento social negro; que pensam, atuam e lançam conhecimento em prol de outras mulheres negras.

Do mesmo modo, são acadêmicas que discutem os conhecimentos e os direitos pretensamente universais, através da produção, reflexão e intervenção, pautando o *ethos* étnico-racial com o *ethos* acadêmico-científico, discutindo e trazendo novos conceitos, categorias, teorias e métodos em vinculação com a população negra.

E finalmente, tratam-se de negras Intelectuais, como Lélia Gonzalez, que em suas obras, trabalhava uma perspectiva interseccional, especificamente em sua análise dos discursos

sobre as mulheres negras na construção e manutenção do mito da democracia racial no Brasil. Sua abordagem relaciona raça, classe e gênero, trazendo reflexões sobre a sociedade brasileira e o mito da estrutura simbolicamente: o da democracia racial a partir da figura da mulher negra.

Gonzalez (1984, p. 77) articula o marxismo interdisciplinar e a psicanálise por meio das ciências sociais e da história, chegando a sua tese sobre o racismo como uma “neurose cultural brasileira já enraizada na sociedade”. Assim, ao retomar o pensamento desta autora, percebe-se sua urgência e atualidade para os estudos feministas, sobretudo no campo da educação.

Pois a educação trata-se do campo ao qual intelectualidade negra se mostra mais visível, tendo uma produção ascensionária nas últimas décadas. Não se tem ainda um balanço acerca dessa intelectualidade, bem como o seu impacto na produção no campo científico do Brasil.

Assim, ressalta-se que é nesta conjuntura de ebulição do pensamento crítico – que procura por categorias e pressão dos movimentos sociais, que surgem as categorias de interseccionalidade. Autoras como Lélia Gonzalez tornaram estas categorias conhecidas e adequadas para estudos referentes ao feminismo e gênero (GONZALEZ, 1984).

Tem-se uma visível negação de se entender enquanto uma sociedade hierárquica e racista. Somente ao tomar consciência desta estrutura inconsciente, que conserva a dicotomia de dominantes e dominados, que a população negra e, notadamente, feminina negra, pode então vir a lutar e irromper com esta estrutura. Com isto, refletir e entender a sociedade brasileira, trata-se de refletir inicialmente de sua africanidade, latinidade e indianidade, bem como o feminismo (GONZALEZ, 1984).

Portanto, observa-se que a análise de Lélia Gonzalez, articulando as categorias de raça, classe e gênero, acontece bem antes da efervescência destas noções, nas quais pode-se condizer os estudos da citada autora como dentro da abordagem e da área de estudo da interseccionalidades.

CONCLUSÃO

Concluiu-se que a temática étnico-racial vem localizando maior recinto na produção científica nacional, especialmente nas ciências humanas. A urgência de uma

intelectualidade negra com a formação de pesquisadores(as) negros(as) com maior engajamento, vem colaborando para um novo espectro das relações raciais no país através da produção científica.

Constatou-se que, dentro das ciências humanas, estas intelectuais aqui analisadas vêm tendo uma participação expressiva, auxiliando na constituição de um novo pensamento social e servindo de inspiração em espaços para a discussão acerca do racismo estrutural. As melhorias na área da educação, deste modo, se mostram aparentes no campo institucional através de documentos oficiais que estabelecem e guiam os fundamentos para uma educação sobre relações étnico-raciais.

No entanto, embora os progressos obtidos, a questão que se põe aqui é se as alterações acontecidas no campo acadêmico nacional com a inclusão de dessemelhantes grupos étnicos, onde particularmente a formação de uma intelectualidade negra se mostra aceitável para concretizar mudanças intensas na estrutura de dominação racial que ainda continua no país.

Também, nota-se uma carência de debates mais intensos acerca das probabilidades da constituição de um conhecimento contra-hegônico por parte da intelectualidade negra na área educacional, dentro ou fora das instituições de Ensino. O fato de haver pesquisadores(as) negros(as) nestas instituições se mostra imprescindível, contudo, não assegura uma produção de conhecimento contra-hegemônico na batalha contra o racismo e as desigualdades sociorraciais.

Portanto, vale observar que as universidades são espaços de produção e transmissão do conhecimento científico hegemônico, em que o racismo – em sua extensão ideológica – é disseminado por todo o planeta. Além do mais, o racismo se encontra espalhado por todo o canto, nenhum canto do Mundo se encontra livre dele. Entretanto, ele não é idêntico em toda circunstância, necessitando então ser abordado dentro de uma conjuntura sócio-histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, C. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

GONZALEZ, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje. São Paulo, 1984.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Igualdade no trabalho: enfrentando os desafios**. Suplemento Nacional – Brasil. OIT, 2018. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acessado em 05 de fevereiro de 2021.

JESUS, C. M de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 8ª ed. 13ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2005.

NASCIMENTO, M. B. **Nossa democracia racial**. Revista Isto É. 1977.

PEREIRA, B. C. J. **Tramas e dramas de gênero e de cor: a violência doméstica contra mulheres negras**. Brasília: Brado Negro, 2016.

PORTAL GELEDÉS. **A trajetória intelectual ativista de Beatriz Nascimento**. 2009. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-trajetoria-intelectual-ativista-de-beatriz-nascimento/>>. Acessado em 05 de fevereiro de 2021.

SHALHOUB, S; PINTO, A. F. M. **Pensadores negros – pensadoras negras: Brasil, séculos XIX e XX**. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.